

VÉRITICE

Revista bimestral Janeiro-Fevereiro 2000 Preço: 1400\$00 (inclui IVA) II Série

Em Questão



Soeiro Pereira Gomes

Soeiro Pereira Gomes: o homem, a obra, a vida ▼ Soeiro Pereira Gomes ficcionista — poeta pioneiro do Neo-Realismo, *Urbano Tavares Rodrigues* ▼ A personalidade política de Soeiro Pereira Gomes, *Dias Lourenço* ▼ 5 de Dezembro de 1949: a morte de Soeiro, *Giovanni Ricciardi* ▼ «Um imenso sussurro de vozes inumeráveis...». A imprensa cultural juvenil na década de 1930, *Luís Augusto Costa Dias* ▼ Na formação do neo-realismo. Recepção portuguesa do marxismo francês, *António Pedra Pita* ▼ Soeiro Pereira Gomes e o PCP nos «trilhos da clandestinidade» (1944-1949), *João Madeira* ▼ O jogo das pistas. A construção do sentido no discurso textual dos *Outros Contos* de Soeiro Pereira Gomes, *Piero Ceccucci* ▼ *Engrenagem* de Soeiro Pereira Gomes e o neo-realismo literário português nos anos 40, *Vítor Viçoso* ▼ Os *Contos Vermelhos*: em demanda do herói exemplar, *Alberto Sismondini* ▼ A recepção da obra de Soeiro Pereira Gomes, *Lívia Apa*

Em Memória

Evocação de Armando Castro

Crítica e epistemologia, *Carlos Pimenta*

Em Estudo

Arendt, Kant e a revolução, *F. Cabral Pinto* ▼ Dez teses sobre a utopia, *José Augusto Nozes Pires* ▼ A pretexto do nonagésimo aniversário do Futurismo, *Luís Bensaja dei Schirò* ▼ Estudos de Literatura e Cinema, *Teresa Gonçalves*

Em Movimento

Ferreira de Castro. Os cem anos do escritor emigrante, *Adelino Rodrigues* ▼ Ferreira de Castro, o realismo social e a dignidade humana, *Urbano Tavares Rodrigues*

193

VÉRTICE

Em Questão

Soeiro Pereira Gomes

- 5** Soeiro Pereira Gomes: o homem, a obra, a vida
- 7** Soeiro Pereira Gomes ficcionista — poeta pioneiro do Neo-Realismo
Urbano Tavares Rodrigues
- 16** A personalidade política de Soeiro Pereira Gomes
Dias Lourenço
- 23** 5 de Dezembro de 1949: a morte de Soeiro
Giovanni Ricciardi
- 30** «*Um imenso sussurro de vozes inumeráveis...*». A imprensa cultural juvenil na década de 1930
Luís Augusto Costa Dias
- 39** Na formação do neo-realismo. Recepção portuguesa do marxismo francês
António Pedro Pita
- 47** Soeiro Pereira Gomes e o PCP nos «trilhos da clandestinidade» (1944-1949)
João Madeira
- 60** O jogo das pistas. A construção do sentido no discurso textual dos *Outros Contos* de Soeiro Pereira Gomes
Piero Ceccucci
- 69** *Engrenagem* de Soeiro Pereira Gomes e o neo-realismo literário português nos anos 40
Vítor Viçoso

76 *Os Contos Vermelhos*: em demanda do herói exemplar
Alberto Sismondini

80 A recepção da obra de Soeiro Pereira Gomes
Lívia Apa

Em Memória

Evocação de Armando Castro

87 Crítica e epistemologia
Carlos Pimenta

Em Estudo

97 Arendt, Kant e a revolução
F. Cabral Pinto

105 Dez teses sobre a utopia
José Augusto Nozes Pires

112 A pretexto do nonagésimo aniversário do Futurismo
Luís Bensaia dei Schirò

120 Estudos de literatura e cinema
Teresa Gonçalves

Em Movimento

129 Ferreira de Castro. Os cem anos do escritor emigrante
Adelino Rodrigues

130 Ferreira de Castro, o realismo social e a dignidade humana
Urbano Tavares Rodrigues

133 Informação Editorial

Os Contos Vermelhos: em demanda do herói exemplar

Os Contos Vermelhos são três breves narrativas, três instantâneos dedicados ao tema da clandestinidade, que faziam provavelmente parte de um projecto mais orgânico mas depois abandonado, visto que no original dactilografado figura a nota «primeira parte». Apareceram em edição clandestina, em fins dos anos 50, numa edição de pequeno formato em papel de arroz, e tiveram maior divulgação imediatamente a seguir à Revolução dos Cravos mercê da edição de 26 de Maio de 1974, destinada ao *Primeiro Grande Encontro Nacional da Juventude Trabalhadora*. Será esta a nossa edição de referência ⁽¹⁾.

Considerando o aspecto cronológico, *O Pio dos Mochos* é a novela mais antiga, escrita na Primavera de 1945. É dedicada ao «camarada Duarte», em quem podemos reconhecer Álvaro Cunhal, e esboça o episódio de Tomé, jovem militante anteriormente suspenso do Partido por traição, que tem de cumprir uma missão regressando à sua aldeia, isolada pela polícia, durante as lutas do proletariado rural.

Mais contíguas, *Refúgio Perdido* (Novembro de 1948, dedicada a Dias Lourenço) e *Mais um Herói* (Janeiro de 1949, dedicado à memória de Ferreira Marquês), ilustram as atribula-

ções psicológicas e físicas de Abel, acochado pela polícia quando distribuiu a imprensa clandestina, e de Paulo, que chega a sacrificar a sua incolumidade física acabando na tortura para salvar os camaradas e, com eles, a luta contra o fascismo.

É-nos dada uma série de informações importantes pelo aspecto

paratextual, severo, que sublinha o intuito procuradamente didáctico da obra com a indicação de referência, na contracapa, à reunião da juventude.

O aspecto peritextual, com uma dedicatória junto do título de cada conto, liberta o leitor de qualquer dúvida sobre a função do texto criando entre o destinante e o destinatário uma relação cujo objecto, a novela, surge isento de qualquer ambiguidade de leitura. Isto é importante, e evita o percurso crítico de *Esteiros*, a obra mais conhecida de Soeiro Pereira Gomes, no qual se assiste ao debate entre os que vêem nesta obra um projecto de militância política e os que assim não pensam.

Utilizando os critérios de Wolfgang Kayser ⁽²⁾, os *Contos* revelam-se-nos como um típico «Romance de Personagem», à qual obedece todo o desenvolvimento do romance. Neste nosso caso, devemos notar que em *O Pio dos Mochos* se associa ao protagonista o deuteragonista Alexandre para cumprimento da tarefa.

Entre as figuras da crítica, quem mais estudou a evolução destas personagens foi Álvaro Pina, que com a sua crítica fortemente impregnada de conteúdo marxista, escrita logo depois do 25 de Abril, testifica a construção, em termos literários, de um herói exemplar ⁽³⁾.

O herói exemplar

Partindo da noção de que a literatura é uma forma de consciencialização social, isto é, de classe, e de que as ideias dominantes numa sociedade de classes são as da classe dominante, é preciso fazer da produção literária das massas um instrumento do desenvolvimento da classe operária para que se torne possível a sua ascensão a classe dominante. Por essa razão, era necessária a criação de personagens que correspondessem à tipologia do «herói positivo», a contrapor ao «protagonista problemático» do realismo crítico.

O protagonista problemático — Anna Karenina, por exemplo — vive, como diria G. Lukács, a transposição, no plano literário, da vida quotidiana na sociedade individualista, nascida da produção para o mercado. O romance é, portanto, entendido como uma tapeçaria biográfico-cronística na qual actua o protagonista — o qual, como actuante, pode até perder contacto com o tecido social, inventando um seu mundo interior por não encontrar valores autênticos e qualitativamente importantes.

Isso não acontece com o herói exemplar do realismo socialista, que vive conscientemente a sua realidade lutando pela transformação material da natureza e da sociedade, por objectivos dedicados ao aperfeiçoamento de uma sociedade sem classes.

Será, pois, «Herói do Povo», instrumento do «movimento real» vaticinado por Marx e Engels na *Deutsche Ideologie* (4).

O herói positivo de Soeiro Pereira Gomes — repete Pina — reflecte, como afirmou Lênin, a situação objectiva das massas e a consciência que ele próprio tem dessa situação, antecipando-se com a sua actuação exemplar ao que depois será normalmente feito pelas próprias massas.

O herói positivo encarna as contradições entre o ideal e a realidade: nas suas relações com as outras per-

sonagens são sublinhadas as necessidades sociais e os objectivos — ou seja, o herói positivo procura superar as contradições numa dialéctica que as torne produtivas para a vitória da luta.

O herói positivo é exemplar — isto é, serve de exemplo para a acção e para o trabalho dos seus camaradas e das massas.

O herói positivo é anónimo e dá o seu contributo para a criação de novos heróis positivos, os quais lutam sem pretender que os recordem, e por uma simples razão: tornaram-se exemplares, tornaram-se guias e estímulos para a acção e o trabalho de outros.

Esta figura exemplar nada tem, portanto, de problemática: sabe onde deve chegar e como lá chegar. Não transmite, pois, aos seus leitores as frustrantes dúvidas e angústias com que se debate mas, pelo contrário, ajuda-os a encontrar a estrada do futuro e contribui para galvanizá-los para os dias de luta e de trabalho (A. Pina, *Realismo e História*, p. 45). E ainda: o traço fundamental da exemplaridade reside na força aglutinante e dinâmica das figuras dos heróis positivos (A. Pina, *op. cit.*, p. 27).

Identificação e distanciação

As personagens surgem, no início de cada um dos *Contos*, nada monolíticas nas suas intenções — parecem, pelo contrário, incapazes de levar a bom termo a sua provação. Tomé vive medos ancestrais que já o haviam feito errar. Abel hesita em abandonar o seu refúgio já «queimado». Paulo parece disposto a revelar os nomes dos camaradas a fim de evitar a tortura. Destas contradições se gera no leitor um primeiro efeito de desânimo — o desânimo de quem supõe estar perante uma obra de mera didáctica propagandística. Esse desânimo transforma-se numa situação «neutra», distanciada do *pathos*

diegético, para ver quais serão as evoluções do entreccho.

O uso do efeito distanciador como método expressivo dialéctico-histórico, filiado na concepção marxista-leninista da história e da evolução, torna-se significativo com Berthold Brecht, cujo *Verfremdungseffekt* se baseia na representação das figuras e dos acontecimentos como figuras e acontecimentos históricos, isto é, nascidos e compreensíveis, inseridos numa determinada ordem social. Brecht destrói a ideia de o desumano e injusto das relações sociais ser algo de eterno e natural; submetendo as personagens à crítica dos espectadores, impede, afinal, a sua identificação com elas e com os acontecimentos narrados.

O efeito distanciador usado por Soeiro Pereira Gomes é o das contradições de ordem psicológica, com o transitar do narrante entre a terceira e a primeira pessoas — um jogo entre *Er Erzählung* e *Ich Erzählung* —, com conotações de intenso monólogo que serão o instrumento dialéctico de elevação moral para criar protagonistas que cumprirão as suas missões vencendo os seus medos, o inato sentido antropológico do território e o receio da dor física e da perda da vida, que podemos encontrar no «Nem que me matem» que conclui a última novela.

A paisagem que circunda os protagonistas é apenas mencionada: o campo ribatejano à noite, com bosques, olivais e terras lavradas, o universo urbano, feito de vultos sem nome — à parte a pequena Luizinha espancada pela mãe, uma menina vítima inconsciente de uma sociedade injusta e merecedora, por isso, de posição de relevo na diegese —, e o vazio absoluto de uma cela. Uma paisagem que, contudo, ecoa e reflecte os estados de espírito, transformando-se em espelho das angústias e também dos momentos mais serenos, na certeza de poder um dia ver o «sol radioso».

Nas intervenções que me antecederam, impressionou-me a palavra «breviário», utilizada pelo Prof.

**Soeiro Pereira Gomes:
o homem, a obra, a vida**

Urbano Tavares Rodrigues para definir esta obra — claramente um breviário laico, uma espécie de *passio* hagiográfica na qual se assiste à evolução de um homem até chegar a herói positivo. É forte a tentação de avizinhar estas duas tipologias literárias: as provações de que os protagonistas dos *Contos* terão de sair vitoriosos poderiam assemelhar-se às dos mártires, e no tom de esperança que emerge no fim das novelas há um eco do tom de redenção e de beatitude de um dos mais antigos géneros literários do Ocidente. Mas é forçoso recordar que a produção militante tinha intuítos didácticos, sim, mas profundamente anti-individualistas, e que, portanto, Abel, Tomé e Paulo são pessoas reais que não devem tornar-se objectos de culto mas apenas cumprir uma função educativa para o leitor.

Poderíamos definir os *Contos Vermelhos* como um romance em três partes destinado à formação ideológica. Não estamos, nitidamente, perante um *Enrico il Verde* ou um *Giovane Holden*, modelos de romance de formação, mas assistimos a uma precisa evolução da personagem, cujos diferentes nomes são um expe-

diente literário destinado a torná-la mais universal e menos subjectiva. Paulo poderia ser um Tomé que atingiu o termo do seu percurso formativo, constelado de dúvidas e até de erros, mas finalmente consciente e seguro das suas opções.

Deste modo — retomando o termo usado no início —, os *Contos* «fotografam», como três instantâneos de um álbum de família, o crescimento moral do homem que se revelará como herói positivo, altamente exemplar. ▼

Tradução de Manuel Ruas

Notas

(¹) SOEIRO PEREIRA GOMES, *Contos Vermelhos*, Lisboa, Edições do M.J.T., 1974.

(²) WOLFGANG KAYSER, *Análise e interpretação da obra literária*, Coimbra, 1968, vol. II, p. 263 ss.

(³) De Álvaro Pina, assinalo *Soeiro Pereira Gomes e o futuro do realismo em Portugal*, Lisboa, Caminho, 1977, e *Realismo e História*, Lisboa, Horizonte, 1978.

(⁴) MARX, KARL — ENGELS, FRIEDRICH, *Die deutsche Ideologie*, Berlin/DDR, Dietz, 1969.